

OUTRAS NOMENCLATURAS, VELHAS CONCEITUAÇÕES: ALIENAÇÃO *VERSUS* “CURTIR”

Taíse Alves Moreira¹

Resumo: O presente artigo discorre a partir de um pensamento metodológico que de queo sentido da palavra *consumo* está presente na sociedade pós-moderna, mas que estaria apresentado de maneira simulada. Essa prática permitiria que o processo de *alienação* continuasse a existir. Entretanto, ao entender que os sujeitos são plurais vai-sevisualizando também que é possível, mesmo através de outros mecanismos tecnológicos, a produção de significados distintos para ações comuns como o “curtir”, nas redes sociais. Assim, as contribuições de Deleuze (1972), Flusser (1985) e Certeau (1998) se apresentam de forma imprescindível.

Palavras-chave: Alienação. Consumo. Curtir.

OTHER NOMENCLATURES, OLD CONCEPTUALIZATIONS: ALIENATION *VERSUS* “ENJOY”

Abstract: This article discusses from a methodological thought that meaning of the word *consumption* is present in postmodern society but would be presented in a simulated manner. This practice would allow the process of *alienation* to continue existing. However, by understanding that the subjects are plural, one can also perceive that it is possible, even by means of other technological mechanisms, to produce distinct meanings for common actions, such as “enjoy” on social networks. Thus, the contributions made by Deleuze (1972), Flusser (1985) and Certeau (1998) are really essential.

Keywords: Alienation. Consumption; Enjoy.

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural — Pós-Crítica (UNEB, Campus II, Alagoinhas). Especialista em Administração Pública e Bacharel em Administração de Empresas. E-mail: taيسةalves23@gmail.com.

Cada vez mais se torna visível que o consumo de bens, com uma determinada expressividade, atribui aos seus detentores uma postura respeitosa no campo de articulação ao qual pertencem. A história que relata sobre o processo de reacomodação de posicionamentos sociais remonta ao que foi, a partir do instante em que o homem transformou a força física em força motora. Foi quando o mesmo adquiriu prestígio local, em decorrência dos trabalhos voltados para o acúmulo de riquezas (pelo menos, para uma pequena minoria).

A proposta, manifestada por autores que discorreram acerca da emergência por busca de sentidos que se encontravam encobertos por simbologias diferentes daquelas propagadas na superficialidade visual, possibilitou estudos sobre os acontecimentos sociais que segmentavam os grupos urbanos, a partir de atitudes alienadas voltadas para o consumo. Ao aplicar um método de pesquisa que agrega contribuições a fim de que pontos intrínsecos ao sistema sejam identificados, é possível tecer considerações sobre o processo de alienação vista na sociedade atual, baseando-se nos postulados iniciais dos estudos marxistas.

Todavia, na pós-modernidade, as tecnologias e as consequentes variações comunicativas, proporcionadas pelo meio virtual, atualizam certos conceitos ou, ao hesterem conferido nomenclaturas contemporâneas, ainda estariam escondendo, em um primeiro momento, traços de dominação atribuídos pelos dispositivos, igualmente verificados pelo processo de mercantilização.

Assim, o ato figurativo de “curtir” utilizado nas redes sociais virtuais, nos dias atuais, seria uma nova forma de continuar a comungar com os preceitos capitalistas, visto que a era da imagem técnica continua a exigir o consumo de produtos reconfigurados para esse meio, sob o mesmo discurso de um destaque social. Entretanto, ao reconsiderar uma metodologia que prega que existem outros sentidos misturados a simbologias constantemente criadas e recriadas pelos su-

jeitos urbanos, é também possível considerar que o processo de curtir pode representar significações contrárias, principalmente nesse momento de participação e de reivindicações coletivas.

Um pensamento metodológico

Partindo do viés de que a metodologia é uma ferramenta que auxilia na análise, na pesquisa e no estudo de um objeto se tem que a mesma deve seguir princípios/normas para que obtenha o caráter científico. Para entender ou desmontar todo um sistema que se constituiu através da linguagem e do comportamento humano se faz importante que esses métodos respeitem uma lógica de sentidos, a fim de desempenhar, de maneira satisfatória, os desdobramentos permitidos pela estrutura observada. Entender que cada objeto é dotado de significantes e significados — atribuídos pelo homem — se torna uma possibilidade para a percepção de que podem ter (e geralmente têm) outros sentidos em contextos diferenciados.

No caso apontado, as redes sociais se transformaram não apenas em decorrência das inevitáveis reformulações espaço-temporais, mas em virtude de funções agregadas. Formulando reflexões sobre essa vertente, o material de Deleuze (1972) apresenta uma possibilidade de estudar o comportamento do próximo (e do meio), baseado no que eles produzem e se o resultado dessas observações interfere nas estruturas mais profundas que corresponderiam a um significado inconsciente.

A identificação do simbólico seria o início da compreensão de que “existe algo entre a fronteira do real e do imaginário que constitui a formação de um todo, assim como a variação de suas partes” (DELEUZE: 1972, p.300). Desde modo, a emergência por se fazer visível perante uma sociedade (principalmente em momentos de tensão) reconfiguraria

modelos e se revelaria fragmentado em tantas formas de manifestação; as redes sociais, no presente momento, se apresentam como o ambiente que evidencia e faz proliferar tais apreensões.

O ato do consumo é presença marcada em todos os agrupamentos sociais, independente da função que desenvolva no meio. A compreensão desse jogo, ora baseado em interesses mercantis, ora em uma fixação social estaria na visualização dos símbolos preexistentes, na virtualidade das coisas e no entendimento de que há existência de subjetividades; um possível deslocamento visual provocaria a identificação de novos sentidos, no instante em que remonta a história de uma sociedade com os elementos que fazem parte do cotidiano, atrelado aos significados produzidos por cada um dos partícipes, independente do fato ocorrer de maneira semelhante ou não em várias comunidades.

A mudança de posição dos elementos (no caso em questão, os cidadãos e o meio coletivo) que compõe o cenário observado (a sociedade pós-moderna) resultaria em alterações nos significantes, transformando uma história em tantas diferentes, mas com os mesmos elementos e com resultados diversos, implicando a natureza dos objetos e dos seres. Deleuze (1972, p. 304) completa que:

A estrutura é, em si mesma, um sistema de elementos e de relações diferenciais; mas ela também diferencia as espécies e as partes, os seres e as funções nos quais ela se atualiza. Ela é diferencial em si mesma e diferenciadora em seu efeito.

No livro "Posições", Derrida (2001) apresenta críticas com relação à noção de sentido, amparado pelo material de Saussure. Tais opiniões se referem à necessidade de quebra de sentidos fixados, visto que segundo ele, não existem compreensões plenas, devido à ocorrência de multiplicidades e de outras conotações, também empregadas aos sentidos

primários. O método que defende insiste na verificação dos locais de fala, das forças de poder que podem incidir sobre aquilo que se pretende estudar para, dessa forma, realizar o processo de desconstrução proposto por Saussure; através da ciência da gramatologia, abrir-se-ia a possibilidade de fazer ciência ao criticar o logismo. Esses movimentos (posições) se fariam necessários para a saída de zonas de conforto e chegar aos movimentos de desconstrução que acontecem no interior das estruturas observadas.

De posse desse raciocínio que oportuniza uma investigação ampla de situações em torno se evidencia que, o homem pós-moderno ainda se revela acomodado em seu conforto social e cultural; o resultado dessa inércia se daria devido a uma receptividade quase que passiva (pelo menos aparentemente) das “oportunidades” que o mundo capitalista lhe oferece. A vida cotidiana, facilitada pelos meios de comunicação cada vez mais acessíveis e de fácil manipulação, faz com que os sujeitos tragam até o seu campo visual aquilo de que precisam para viver: alimento transformado em “distração”. Se permitem ser capturados pelos impulsos visuais, característicos das imagens produzidas pelos aparelhos do que por outros sentidos. Entretanto, esse aparente estado de paralisia corpórea pode se reconfigurar em espaços abertos pela tecnologia, nos quais, mesmo repetindo papéis prontos de como proceder em coletividade, o próprio homem torna possível um processo de ressignificações, quando afloram significações às ações conhecidas.

A articulação entre o homem e o espetáculo do consumo: a alienação

Ao olharmos a história, contada por alguns autores (principalmente aqueles de base marxista), o proletário sempre sofreu com algum tipo de dominação: antes, as terras nas quais trabalhavam e tiravam o sustento da família eram de

propriedade da Igreja ou de nobres e as forças de trabalho que empregavam tendiam para uma submissão não questionada. Com a Revolução Industrial e o convencimento voltado para a utilização das máquinas como forma (meio) de ascensão social, o trabalho fabril passou a ser visto como algo necessário para a sobrevivência, pois gerava produtos que alimentavam a vida familiar, com a proposta promissora de saída do campo para as cidades. Porém, com a intensificação das relações mercantis, mudanças ocorreram no sentido da palavra “trabalho”.

Mesmo sem perceber, os operários contribuíram para que o consumo se tornasse primordial, visto que a produção real se valeria das quantidades adquiridas e não mais da qualidade daquilo que se produzia/consumia. Tudo passou a se comercializado: os produtos voltados para o consumo, o tempo e até as pessoas. Ou seja, tanto os bens que estavam no plano real quanto as que se encontravam no imaginário sofreram influências dos dispositivos resultando nessa mudança comportamental, hoje, observada nas relações sociais. Debord (1997, p. 28) argumenta que:

O mundo presente e ausente que *o espetáculo faz ver* é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado *como ele é*, pois seu movimento é idêntico ao *afastamento* dos homens entre si e em relação a tudo que produzem.

Aliás, a crítica radical ao “ser contemporâneo” desenvolvida por Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo — mesmo que posteriormente questionada — concentrou as leituras sobre os acontecimentos no período de 1960, no qual “cultura e mercado” começavam a se entrelaçar. Todavia, mais de cinquenta anos após, o cenário encontrado não difere muito daquele descrito pelo autor, pois foi intensificada uma falsa ideia de liberdade condicionada (para não dizer vendida) pela pós-modernidade, através do acesso aos meios

de comunicação e produção em massa; e, os novos incentivos que enalteceriam uma sociabilidade promissora camuflariam as velhas necessidades chamadas por ele de “sobrevivência aumentada”.

“O espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social” (DEBORD, 1997, p. 30). Com essa frase, o momento atual do século XXI é descrito como se fosse possível prever o desenrolar dos fatos sociais muito antes da efervescência mercadológica à qual os cidadãos foram submetidos. Assim, a segunda Revolução Industrial agora liderada não apenas pelas máquinas, mas também pelos produtos imagéticos, tenderia a aprisionar novamente aqueles sujeitos que foram classificados outrora como “mercadorias”².

Ao ser rotulado como *mercadoria*, o homem pós-moderno estaria também sendo fragmentado, transformado e vendo suas partes serem comercializadas ao custo de uma visibilidade social; o que é vendido não é mais palpável; são negociadas ilusões quando o discurso vem carregado de promessas e não apenas de utilidades concretas. A pseudo-justificação — descrita por Debord (1997) — ratificaria o conceito de “alienação”; para ele, ou vivemos sob a prerrogativa do trabalho coletivo com a divisão dos ganhos e a consequente abolição das classes sociais, ou viveremos sob a empunhadura do mercado e do consumo, este último, empurra-

2 Seguindo essa linha, o conceito de “reificação”, trabalhado por Jamerson (1996, p. 318) apresenta duas definições para o processo pelo qual passavam as mercadorias circulantes no mercado: um, resultando em um “apagamento dos traços de produção”, e outro, como resultante de uma “transformação das relações sociais em coisas”. Este conceito permitiria, também, outras aplicações (se for trocado o “objeto da reflexão”): os produtos largamente produzidos, mas sem as características que os classifiquem como *culturais*, que no lugar deles seja colocado o cidadão, como símbolo do apagamento da unicidade, usado em prol do “consumo pelo consumo”.

do como sendo a arma que nos libertaria das estratificações sociais.

O que também é presenciado é a falta de tempo, já que a velocidade com que o relógio trabalha parece sempre superior à capacidade física dos cidadãos. É necessário tempo para a produção e para a compra de mercadorias; logo, o mesmo não pertence ao homem nessa época de tempo-mercadoria, o que reforçaria o processo de alienação; e por fim, o tempo também se utilizaria dos meios de comunicação para locomoção entre os espaços. A fim de tentar minimizar os percalços gerados por essa desvantagem e visto que o espetáculo não pode parar, o homem urbano desenvolve meios para driblar essa falta de tempo ao atrelar *lazer*, *trabalho* e *diversão*.

A alienação transcrita pela visível mudança dos hábitos e costumes humanos, em decorrência de uma desenfreada corrida para o consumo que o — Obs.: se refere a quem o “os”? ao “homem urbano”? — levariam para o topo da sociedade, atrelou o campo tátil das aquisições concretas para o interior da subjetividade, na qual as chances de êxito são maiores, pois os sujeitos demonstravam, cada vez mais, uma preocupação com sua individualidade. Nessa expectativa — criada — de que sempre haverá algo “novo”, a fim de suprir o que já existe, os cidadãos acabariam presos na roda do consumo, vivendo na espera de que a novidade sempre corresponda às expectativas. Porém, na pós-modernidade, esse comportamento consumista também está na *virtualidade*, e os sentidos pré-definidos, com relação a esse termo, também passaram por atualizações.

A crítica se fixa na observação de que passou o tempo em que ficar em frente à televisão era sinônimo de distração/divertimento; pelo menos, essa era (e porque não dizer: ainda é) a ideia embutida na modernidade, na qual, aquele que laborou durante uma longa jornada diária poderia, em

fim, desfrutar de alguns minutos de prazer ratificando, dessa forma, os benefícios conquistados com as máquinas.

Entretanto, Baudrillard (1981) comenta que o rompimento entre o real e o imaginário, característico da pós-modernidade revelou também a separação da relação entre o sujeito e o objeto. Outros significados emergiam dos novos comportamentos, encontrados nas cidades, assim como das necessidades nascidas com esses cidadãos, sedentos por respostas que transpusessem os argumentos conhecidos. Foi nesse nicho subjetivo que a indústria cultural encontrou fôlego e reforçou seus ataques capitalistas.

A Disneylândia é o protótipo desta função nova no plano mental. Mas do mesmo tipo são todos os instintos de reciclagem sexual, psíquica, somática, que pululam na Califórnia. As pessoas já não se olham, mas existem institutos para isso. Já não se tocam, mas existe a contactoterapia. Já não andam, mas fazem jogging, etc. (BAUDRILLARD, 1981, p. 22).

Agora, as imagens técnicas — criadas para reprodução nos meios comunicacionais — são compostas por um grupo de informações que alimentam os desejos gerados através de uma diversão barata e cômoda. Assim, as fragmentações perceptíveis hoje, em tantos espaços sejam eles físicos ou virtuais, contudo (com finalidade mercadológica de reconfiguração social), permitem pensarmos em tensionamentos entre o *ato do consumo* e o discurso intrínseco a essa atividade e não, simplesmente, nos entregarmos ao pessimismo Baudrillardiano.

Novos usos: articulações midiáticas

Aproveitando o ponto da virtualidade comentado acima, a sociedade da qual fazemos parte (concordando, ou não, com as diretrizes governamentais, sociais ou culturais impostas) mostra os resultados de ações iniciadas, nos últi-

mos séculos, através das implicações sociais que provocam as imagens técnicas; esse apontamento ocorre, no instante em que este produto simbólico recebe destaque, ao unir os cidadãos e os usuários em uma esfera — inicialmente vista de maneira alienadora — etransformando-os em seres onipresentes. Flusser (2008, p. 15) enfatiza que:

Somos testemunhas, colaboradores e vítimas de revolução cultural cujo âmbito apenas adivinhamos. Um dos sintomas dessa revolução é a emergência das imagens técnicas em nosso torno. Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares. Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginadas.

O processo de alienação, defendido por Debord (1997), pode ser visualizado, nessa situação, quando para cada minuto gasto (ou, como é dito no meio virtual, a cada “surfada na net”) é empregado um *valor de uso*. A finalidade desse discurso quase sempre recai no que foi aqui trabalhado: em uma visibilidade pública. Ao observar a atual formatação social urbana que praticamente migra de forma paralela, as suas atividades habituais para uma vida extracorpórea, nos espaços virtuais é notado o tamanho do enraizamento de certos discursos dominadores. Estes, por sua vez, estão presentes na aparente invisibilidade dos atos praticados na rede; ao dar seguimento a algumas práticas, os sujeitos virtuais reprogramariam conceitos praticados na vida cotidiana.

As imagens também seriam, dessa forma, uma resposta à emergência conceitual, ao representarem as novas concepções de presença do homem no mundo; as relações existentes entre os pontos *sujeito e sociedade* que — até agora foram vistos sob as ações dos dispositivos — passaram por reformulações, dado que estes se encontram na liquidez do

sistema, ou seja, na virtualidade. Os indivíduos, enquanto imagens técnicas, ao utilizarem as redes como via de interligação de vontades, reconfiguram as formas de compreensão dos discursos. Para Flusser (2008), houve uma desintegração da sociedade em *pixels* (fragmentações), por onde circulam, em meio a uma retroalimentação (*feedback*), valores que (?realiariam) a comunidade. Tais valores circundantes reformulados pela tecnologia ainda trariam a ideia de que, a partir do processo da distração, é possível transmitir conteúdos culturais a aqueles que se valem da utilização dos meios virtuais.

O próprio Flusser (2008) ainda discorre negativamente com relação à distração defendida, na atualidade, pela revolução técnica, na era da imagem, a qual empurraria as pessoas para uma recepção passiva de imagens não analisadas previamente e posteriormente perdendo (ou deixando de exercer) sua criticidade. Mesmo trabalhando sobre uma vertente oposta (a da reprodutibilidade técnica), Benjamin (1987), contrariamente a Flusser, apresentou a distração sob um ponto de vista positivo, ao argumentar que através da distração oferecida (oportunizada) pela arte vinculada aos aparelhos de reprodução técnica já era possível mensurar as percepções tais — como mobilizar as massas — a fim de convencê-los a efetuarem reflexões. Todavia, os tensionamentos gerados entre esses pensamentos permitem um olhar “para fora” da técnica e dos limites dialógicos, por vezes dogmáticos, se atentarmos para as novas concepções sociais que ajudam a enxergar não apenas os resultados desses confrontos, ou seja, as imagens prontas, mas também o como são feitas.

Como hipótese que motivaria ao formato que é visto circulando, as redes sociais englobariam pontos de interesses múltiplos como mecanismos de controle, ao viabilizar a comunicação entre os usuários; ao se desvincilhar do valor de culto e para o valor de exposição deixando evidentes os do-

minados e os dominadores tal como, os aparelhos que são utilizados para a constituição de uma malha heterogênea, a rede manteria todos presos sob as prerrogativas da aquisição de bens imateriais com valor social.

Nesse contexto (e a título de comparação): se para o marxismo, o consumo se apresentaria como uma espécie de “ratificação da alienação humana”, o processo do “curtir” existente nas redes sociais virtuais poderia ser traduzido por uma maneira semelhante a uma forma de “satisfação de necessidades”. O curtir³ seria um tipo de aprovação da sociedade aos atos que são praticados na *web*; a ânsia por uma validação das ações possibilitadas (programadas); uma extensão da vida real para a virtual sendo que, na segunda alternativa, é possível escolher e prever aquilo que se deseja revelar sobre a personalidade ou uma opinião, tornando possível a montagem de um *perfil individual*; como resultado esperado, o curtir poderia ser interpretado como os aplausos que satisfazem egos daqueles que se apropriam das imagens reproduzíveis, ao repetirem as ações previsíveis pelo sistema, ou seja, um consumo alienado.

Não obstante, o processo de curtir ratificaria também maneiras de pensar, pois a utilização de imagens técnicas (ou o consumo) por aqueles que se sentem bem ao postarem simulações imagéticas (o imbricamento de texto e imagens, resultando em outros sentidos) também se apresenta como uma forma de contrariar princípios da vida real ou do sistema

3 Na rede social hoje largamente utilizada pelo mundo — o *Facebook* — existe uma função do aplicativo que permite que o usuário aprove, comente ou compartilhe postagens publicadas. O “curtir” se refere a uma forma de aprovação daquilo que foi exposto. Essa prática fica visível tanto para o autor da postagem quanto para todos que fazem, ou não, parte da rede de relacionamento dos envolvidos. Esse ato simbólico está atualmente saindo da virtualidade e aparecendo no repertório vocabular da sociedade.

montado sobre o princípio da moral e dos bons costumes, fundamentados por questões ritualísticas (religiosas).

No processo da curta não existiria o fracasso. Ou melhor, o “trabalho” de aparecer, tornar-se notório, possibilita o sucesso, já que o próprio “corpo social” propaga a ideia de que o melhor é ser o vencedor, e a popularidade constrói vencedores. Dentro desse pensamento, torna-se até possível parafrasear Adorno (1994, p. 96), quando este verbaliza que “a ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser”.

Nessa atual economia especulativa, os novos operários (os consumidores) trabalham em prol de um repasse de maneira impensável daquilo que produz. A mão de obra não é mais apenas valorizada pelos resultados obtidos, mas pela velocidade e amplitude longitudinal com que empurra os produtos. A rede viabiliza esses contatos; analogicamente também é possível descrever (ou imaginar) os motivos pelos quais as atitudes foram transportadas para a virtualidade, uma vez que os produtos são virtuais tais como o dinheiro, as relações, as especulações, enfim, o próprio homem e suas máquinas de produção e reprodução.

A partir da colocação de Flusser (1985, p. 7) que diz que “o homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens”, a reflexão suscitada é que o ambiente observado — tido como democrático e dependente das imagens — passa por uma obrigação comportamental do *ver* e do *curtir* em substituição do *ter*; o ver seria um modo de estar presente, mesmo sob formas de materialização modificadas para o meio. A era da informação empurra os sujeitos para um estágio, no qual, a aquisição do conhecimento não se resume em leituras e conquistas de objetos e/ou ações que denotem valor, mas a uma sensação de presença e participação.

Assim sendo, a imagem — junto aos desdobramentos que o seu uso lhe proporciona — seria o caminho aberto para queos que dela se valem — mais do que falar sobre algo — possam discorrer mimeticamente sobre fatos pungentes na coletividade ou mesmo pessoais, e que ficaria, para quem ouve, a incumbência da imaginação. Flusser (2008) apresenta que a sociedade pós-moderna vive em função da imagem, devido ao fato de ser enorme a necessidade do apoderamento da imagem, em geral, e por se tornar mais fácil *ver* do que *imaginar*. A sociedade midiática e alienada — sob os aspectos mencionados — se embasaria, portanto, na oferta de imagens “prontas” produzidas por técnicas que visam à produção de imagens reprodutíveis. Para arrematar, Flusser (1985, p. 8) define que “trata-se de alienação do homem em relação a seus próprios instrumentos”.

Entretanto, contrariando, em parte, o discurso acima desenvolvido ao trazer o pensamento de Certeau (1998) para agregar diversas reflexões sobre o tema (ou o aprofundamento de novos sentidos) é primordialmente entendido que há outras formas de entendimento sobre as relações existentes no meio virtual e suas decorrentes táticas, voltadas para validações sociais, visto que se torna importante não se esquecer da pluralidade intrínseca ao ser humano de se “reinventar” durante momentos de tensão, na busca por áreas de conforto.

Ao simplesmente resumir as colocações trabalhadas sob um único conceito, no qual, os urbanos estariam alienados por um sistema superior e regulador de normas e condutas, teoricamente estaria excluída a capacidade racional que detém, conseqüentemente, o livre arbítrio nas decisões que adotam. O “fazer diferente” se mostra como o “lema” contra as relações de força, existentes, tanto nos momentos de insatisfação quanto inconscientemente, ao exercer de forma astuciosa (semelhante à ideia de criatividade) as ações que

prática, permitindo-lhe mover-se em direções, diferentes daquelas conhecidas por ele e pelos grupos.

Mesmo não sabendo como decifrar as imagens técnicas, como argumenta Flusser (2008), no que se refere à constituição tecnológica impregnada nas imagens, o homem urbano, ao se apoderar delas, lhes atribui valores resultando em ressignificações próprias. Ao aproximar a teoria de Certeau (1998) para essa cena (aliás, Flusser coloca que vivemos na era da cena), o mesmo entrega um fôlego para essa visão de sociedade dominada e mera repetidora de valores comercializáveis. Assim, o ato técnico de *curtir* ou *não curtir* uma imagem técnica, na virtualidade, poderia também ser visto como uma forma de refazer a conhecida arquitetura do consumo — de acordo com a realidade atual, na qual o consumidor (usuário) pós-moderno se encontra.

Os recentes usos aplicados aos materiais reproduzíveis seriam, então, uma resposta a tal capacidade humana de transformar (ou criar) “maneiras de fazer” mesmo submersos à imposição do mercado. Raciocinando nesse contexto, Certeau desenvolveu uma crítica a Adorno, no instante em que este se limitou na descrição do comportamento humano esquecendo-se da possibilidade de que, no processo da retroalimentação, mudanças podem ocorrer independente do modelo comunitário aplicado pelo capitalismo.

Ou seja, mesmo que o processo de entrada e saída impulsionado pelo mercado vise ao consumo, resultando em parâmetros que conceituam pessoas como “socialmente aceitas” ou “excluídas”, o processamento que ocorre no meio desse sistema não é igual para todos. Os mecanismos de aproximação virtual acabam, também, abrindo espaços e viabilizando ferramentas, as quais não apenas alienariam como também poderiam ser utilizadas como um canal que propicia a demonstração de ressignificações humanas, mesmo sob as limitações do sistema. A visão de mundo se transformou, e se faz necessário que a produção também acom-

panhe esse desenvolvimento social, psicológico e cultural — emergentes com a pluralidade humana e suas identificações simbólicas.

Considerações finais

Após as contribuições trazidas pelos autores, o que se argumenta é que pensar no simbólico (diferente do real e do imaginário), a partir das estruturas estudadas, é perceber que através do estabelecimento da linguagem humana tem-se uma gama de articulações, dotadas de significações, nas quais a desconstrução de conceitos e a realocação dos signos resultam em novos saberes; a desconstrução concede a possibilidade de criação de novas significações (condição que se coloca para esvaziar o sentido da palavra).

Ao compreender o homem como produto e como produtor de significados, tem-se a oportunidade de não apenas criticar a realidade da linguagem, bem como — através de um pensamento mais profundo — emergir os discursos que estão no entre-lugar do simbólico, na casa vazia. Um lugar onde a mobilidade dos objetos que se configura, em encontros e desencontros, em um paradoxo que impulsiona ao não-sentido, a uma espécie de metade que não se completa, porém que permite reflexões para entender o simbólico.

Para tanto, mesmo se tratando de um meio que prega o divertimento nos momentos de lazer, agregando outros valores sociais, as redes sociais, ainda assim, poderiam ser consideradas como um dispositivo; não por limitar as ações dos usuários aos pacotes pré-programáveis do sistema, mas pelas relações de poder que se escondem pelo “não-dito” do curtir.

Se a proposta foi a criação de um espaço no qual tudo poderia ser dito sem punições, então não haveria uma preocupação com aquilo que é escolhido para ser postado e, por

tanto, perfis que não estariam preocupados com padrões sociais seriam largamente compartilhados. Contudo, geralmente só é postado o que será curtido, ou seja, aquilo absorvido positivamente pela sociedade; uma alienação de vontades possibilitada pelo sistema, mesmo em um ambiente que prega a “livre distração”. Sem uma prévia reflexão, os usuários transfeririam — para a virtualidade — conhecidos embates mercadológicos.

Assim, se apresenta a era do espetáculo virtual; ao serem curtidos nada mais importa para os usuários; é como a compra de um artigo que brilha nas vitrines mais conceituadas. O ápice do compartilhamento é a notoriedade, proporcionada pelo uso do aparelho. O espetáculo coloca o sujeito no centro do picadeiro a espera dos aplausos das massas. A facilidade de entrar nesse centro (ou ser jogado nele) é o que se diferencia nessa época de intensa reproduzibilidade técnica; a produção de imagens estaria diretamente relacionada à reprodução de indivíduos com diferentes ou iguais posicionamentos defendidos na esfera real.

Os modelos que são expostos pelas imagens criadas se tornam o combustível que nutre a indústria cultural, a fim de desenvolverem constantemente novas condições para que os receptores não se afastem dela. A indústria cresce ao passo que mantém o prazer, o gosto pela fama, pela popularidade mesmo sob opiniões contrárias em um espaço coletivo como são as redes sociais, pois encontra ali um mercado que “necessitaria” ser constantemente abastecido por reificações que preencham o *status* social do cidadão pós-moderno.

Por fim, sair da zona de conforto é transitar por movimentos, é encontrar — no balanço das idas e vindas — o processo que nos liberta para conhecer e entender *o outro* que existe dentro das nossas inquietações. É deslocar-se do centro para as margens, partir de margens limitadas pelo pensamento hegemônico e percorrer livremente pelos questionamentos que a própria linguagem humana nos chama para

ter. Quando nos inquietamos procuramos, através das possibilidades de observação, algo que não nos deixa na mesmice condicionada, a qual nos foi ensinada (ou ainda é) pelo sistema que rege a vida em sociedade e que, por sua vez, não interpreta com bons olhos, as transgressões ousadas advindas da busca de novos sentidos para velhas conclusões universais, fechadas e amparadas pelo respaldo de filósofos canonizados.

Deste modo, o pensar diferente se encontra nessa fronteira quando realocamos funções impostas e as transformamos com toques pessoais. Por mais que o consumo seja forçado para uma finalidade lucrativa para alguns poucos “privilegiados no sistema”, as massas se reapropriam dos processos e os denominam, a partir das próprias necessidades. O “curtir” pode transparecer como um movimento alienatório, bem como representar outros sentidos até mesmo uma ferramenta de auto-afirmação e de movimentação social.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Theodor W. Adorno. Sociologia*. Cohn, G. (Org.). São Paulo, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. A precessão dos simulacros. In: *Simulacros e Simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D’água, 1981.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: Usos e táticas. In: *A Invenção do Cotidiano*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. A mercadoria como espetáculo. In: *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In: François Châtelet, éd., *Histoire de la philosophie*, t. VIII. *Les Lumières XXe siècle*, Paris, Hachette, “col. Pluriel”, 1972.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

JAMERSON, F. Elaboraões secundárias. In: *Pós-modernismo e a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

FLUSSER, Villén. *O universo das Imagens Técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Ana Blume, 2008.

FLUSSER, Villén. *Filosofia da Caixa Preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2002.